

Causas e efeitos

J. Roberto Whitaker Penteadó

A famigerada Lei de Murphy assegura a infalibilidade em dois fenômenos corriqueiros: primeiro, quando em viagem, V. vê, em algum lugar, algo que o agrada ou que sempre desejou e se diz: "Depois eu compro". É certeza que não vai passar por ali de novo e que não mais encontrará nem aquele item nem nada remotamente parecido em qualquer lugar do mundo. O segundo é literário: quando V. lê uma frase inteligente, brilhante, guarda-a mentalmente para citá-la mais tarde e nunca mais, mas nunca mais mesmo vai encontrar nem a frase, nem o seu autor.

À segunda categoria pertence uma frase que li em local de que não me lembro mais e que acho era atribuída a Eça de Queiroz. Dizia: "os brasileiros são gente muito simpática, pena que não sejam capazes de estabelecer relação entre causa e efeito". Há anos consulto amigos e pessoas versadas em Eça, tentando verificar sua autenticidade, sem sucesso. Já tentei até o Google na internet mas não achei.

Seja ou não de Eça, a frase existe e alguém a disse, ou escreveu. Se somos coletivamente simpáticos, não sei, mas é perspicaz e pertinente a constatação de que, de fato, temos grande dificuldade de relacionar os efeitos com suas causas. E não são poucos os problemas que isso nos acarreta, inclusive o de mal votar a cada biênio...

No jornalismo, são freqüentes as conclusões apressadas e as interpretações duvidosas em especial quando se tratam de supostos fatos ou idéias que se encaixam nos preconceitos do analista.

Dois exemplos recentes, de colunas publicadas pela Folha de S. Paulo. No dia 30/4, Marilene Felinto escreveu, sob o título propaganda e mentira, sobre a "arrogância" dos publicitários brasileiros. Para Marilene, a propaganda é "a alma da corrupção", e dá, como exemplo, um vazamento de pesticidas do qual é acusada a empresa Shell e a sua propaganda sobre cuidados com o meio ambiente. Realmente, uma grande salada de fatos e temas que nunca chegam a encadear-se. Acredito que a multinacional Shell como a nossa Petrobras usa de cuidados com o meio ambiente e utiliza-se da publicidade para comunicar isso e que ambas as coisas pouco têm a ver com um acidente industrial. Mas alinhavam-se os fatos como se as empresas multinacionais mais a propaganda mais os profissionais do setor articulam-se num encadeamento perverso com o objetivo de enganar as pessoas e envenenar o ambiente.

No dia 4 de maio, foi a vez do articulista Drauzio Varella, dessa vez para defender um ponto de vista (ou preconceito) muito popular, no Brasil e no resto do mundo: o de que a televisão tem má influência sobre os jovens. O artigo afirma que a literatura médica já publicou 160 estudos de campo sobre o tema envolvendo 44.429 participantes e 124 estudos laboratoriais (sic) com 7.305 participantes sem, contudo, citar a fonte de números tão impressionantes e estrategicamente "quebrados". "Absolutamente todos demonstraram relações claras entre a exposição de crianças à violência exibida pela mídia e o desenvolvimento de comportamento agressivo", continua. Fantástica, a unanimidade. Não tenho espaço para citar todos os dados, mas são de grande volume, perfeita harmonia e incluem claro os efeitos de videogames de conteúdo violento. E pode ser, até, que indiquem uma possível relação de causa e efeito. Mas não provam.

Não sou médico, mas sou formado em pedagogia e conheço bem estatística o suficiente para saber que (1) é extremamente difícil estabelecer relações de causa e efeito no complexo processo educativo das pessoas e (2) que o estabelecimento de uma correlação irrefutável não é coisa fácil. Há variáveis independentes e variáveis dependentes, como, por exemplo, o número de bebês nascidos é uma variável dependente do número de mulheres grávidas nos 9 meses anteriores (ainda assim, há desvios). Alguém na Inglaterra, uma vez, estabeleceu uma correlação entre os aumentos de salários dos professores e o maior consumo de cerveja nos pubs. Claro que ambas as coisas eram variáveis dependentes da evolução da economia (variável independente). E se as crianças em lares infelizes ou violentos refugiarem-se na televisão e nos videogames para fugir à má-influência dos pais? Estaríamos diante do mesmo

fenômeno: tanto assistir TV como ter reações violentas na sociedade seriam variáveis dependentes da variável independente de pais incapazes ou despreparados para o processo educativo. E que, por sua vez, pode ser a variável dependente de uma situação política e social injusta ou perversa.

A busca da verdade, em geral, não é coisa nem muito fácil, nem muito simples.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=435&ID=91>>. Acesso em: 28 jul. 2009.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais